



ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora
Ano 2022



ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Arquitetura e urbanismo: divergências e convergências de perspectivas

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Pedro Henrique Máximo Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura e urbanismo: divergências e convergências de perspectivas / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0117-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.179222704>

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Há uma concordância fundamental entre arquitetos e urbanistas: não há, em qualquer exercício de síntese - de projeto ou planejamento -, a anistia da dúvida, da incerteza, da divergência, do conflito ou mesmo de antagonismos. Isso porque a arquitetura e o urbanismo - embora gozem de boa parte de suas constituições das ciências exatas - possuem componentes materiais, econômicos, sociais, estéticos, filosóficos e psicológicos difíceis de serem conciliados ou que encontremos para eles uma convergência unânime. A síntese, a sina do exercício de projeto e planejamento, tende a encobrir ou ao menos momentaneamente ofuscar as divergências. Tende, pois tais divergências permanecerão, mais evidentes, latentes ou como estão, até que sejam revisitadas e trazidas à tona.

Qualquer solução arquitetônica ou urbanística apresentada a um problema de projeto será apenas uma dentre diversas soluções possíveis. Mesmo que as variáveis projetuais trazidas por dados objetivos e instrumentos de alta precisão nos indiquem um caminho a ser seguido, seu curso passará sempre pela interpretação do problema anunciado. Ou seja, tudo que vemos pelas janelas dos apartamentos ou caminhando pelas ruas das cidades poderia ser diferente, de outro modo. Há, na ótica da criatividade humana centrada no exercício do projeto e do planejamento, outras infundáveis realidades possíveis.

A crítica, elemento fundamental e imprescindível do fazer arquitetônico e urbanístico, é o recurso que temos para medir o real pelo ideal. A crítica estabelece as regras do jogo a ser jogado e nos dá os parâmetros concretos e imaginados. Ela leva luz às divergências outrora encobertas. Ela revela o que foi por ora deixado de lado. Ela produz uma dialética que nos permite reconhecer as divergências do nosso campo e conceber, ainda que circunstancialmente ou diante de temas sensíveis e ilustrados, como a dignidade humana e o respeito ao meio ambiente, convergências de perspectivas. A crítica nos coloca como responsáveis pela história até então produzida e nos dá a autoria do porvir.

Arquitetura e urbanismo: Divergências e convergências de perspectivas, produzido pela Atena Editora, traz estes temas para o debate em 18 capítulos. Este volume constitui, assim, uma contribuição importante para o reconhecimento de que nosso campo é múltiplo, diverso e que não há unanimidades. É um campo, assim como qualquer campo profissional e coletivo, em plena disputa.

Mas, por outro lado, institui ou indica certas convergências: a necessidade de salvaguardar nosso Patrimônio Cultural; a introdução acelerada de instrumentos e técnicas digitais ao processo de projeto; a cidade e o território como fenômenos culturais e coletivos; o imperativo da conciliação entre ambiente construído e ambiente natural; e, por fim, que a arte, em sua multiplicidade de manifestações, seja pública e aberta. Além do

reconhecimento destas convergências, este livro problematiza o porquê de tais fenômenos e as possibilidades de com eles lidar.

Estimo, assim, excelente leitura a todas e todos!


Pedro Henrique Máximo Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

LA FORMA DE LA CIUDAD ES SIEMPRE LA FORMA DE UN TIEMPO DE LA CIUDAD

Lúisa Valente

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227041>


CAPÍTULO 2..... 18

DESDE LA REDISTRIBUCIÓN DE LOS CUIDADOS HACIA LA DESMILITARIZACIÓN URBANA EL ALGORITMO GENERATIVO DE LA VIGILANCIA NATURAL PASIVA

Patricia Costa Pellizzaro

Neridiane Garcia da Silva


Cláudia Maté

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227042>

CAPÍTULO 3..... 41

DIREITO À CIDADE POR MEIO DA ARTE: OBSERVAÇÃO E PERSPECTIVAS DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NA ARQUITETURA DE SALVADOR

Alyne Cosenza Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227043>

CAPÍTULO 4..... 51

APROPRIAÇÃO DE PARQUES URBANOS: SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO E GESTÃO

Neridiane Garcia da Silva

Patricia Costa Pellizzaro

Cláudia Maté

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227044>


CAPÍTULO 5..... 67

CARTOGRAFIA E ICONOGRAFIA COMO INSTRUMENTOS DIACRÓNICOS DE ANÁLISE DO TECIDO URBANO — ÉVORA E SETÚBAL, PORTUGAL

Maria do Céu Simões Tereno

Manuela Maria Justino Tomé


Maria Filomena Mourato Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227045>

CAPÍTULO 6..... 79

DESIGN E CENÁRIOS PROSPECTIVOS APLICADOS AO URBANISMO TÁTICO: O FUTURO DA PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS

Lorena Gomes Torres de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227046>

CAPÍTULO 7..... 95

INVENTÁRIO BOTÂNICO-PAISAGÍSTICO DO SÍTIO ROBERTO BURLE MARX: O

ESTADO ATUAL

Diego Rodriguez Crescencio

Marlon da Costa Souza

Leticia Dias Lavor

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227047>

CAPÍTULO 8..... 108

ARQUITETURA ESCOLAR E BIOCLIMATOLOGIA: OS IMPACTOS DA PADRONIZAÇÃO NO CONFORTO TÉRMICO DE ESCOLAS BRASILEIRAS

Paula Scherer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227048>


CAPÍTULO 9..... 120

ASPETOS BIOCLIMÁTICOS DA ARQUITETURA DA POPULAR PORTUGUESA

Jorge M. dos Remédios Dias Mascarenhas

Maria de Lurdes Belgas da Costa Reis

Fernando G. Branco


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227049>

CAPÍTULO 10..... 134

INFLUÊNCIA DA ILUMINAÇÃO NATURAL NO AMBIENTE ESCOLAR NO RITMO CIRCADIANO DOS ALUNOS

Ana Luiza de Mello Ward

Erika Ciconelli de Figueiredo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270410>

CAPÍTULO 11..... 151

ANÁLISE DE DIFERENTES CONFIGURAÇÕES DE POROSIDADE EM CFD

Isabela Tibúrcio

Melyna Nascimento


Leonardo Bittencourt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270411>

CAPÍTULO 12..... 166

A CONCEPÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO POR PROFISSIONAIS E AS TECNOLOGIAS EMERGENTES

Hana de Albuquerque Gouveia


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270412>






CAPÍTULO 13..... 179

CONTRIBUIÇÃO À INSPEÇÃO ESPECIALIZADA APLICADA AOS HELIPONTOS ELEVADOS DO TIPO PLATAFORMA DE DISTRIBUIÇÃO DE CARGA EM ESTRUTURA DE CONCRETO ARMADO: ESTUDO DE CASO

Alexandre Magno de Campos Dutra

João da Costa Pantoja

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270413>

CAPÍTULO 14	200
MOSAICO: VIDA E ARTE Sarah Jamille Pacheco Rocha  https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270414	
CAPÍTULO 15	211
O CINEMA COMO DOCUMENTO: A ARQUITETURA COMO UM VEÍCULO DE ENTENDIMENTO DE UMA SOCIEDADE NA OBRA FÍLMICA DE FICÇÃO Alexandre Albuquerque  https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270415	
CAPÍTULO 16	223
MUSEUS EM COMUNIDADES, TURISMO E CULTURA: PATRIMÔNIO, IDENTIDADE, MEMÓRIA E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA EM FAVELAS DO RIO DE JANEIRO Sergio Moraes Rego Fagerlande  https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270416	
CAPÍTULO 17	241
LOS CENTROS DE INTERPRETACIÓN DEL ARTE RUPESTRE, UN MEDIO DE PROTECCIÓN Y DIFUSIÓN PATRIMONIAL Jorge Alberto Porras Allende Heidy Gómez Barranco Herwing Zeth López Calvo Jorge Iván Porras Sánchez  https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270417	
CAPÍTULO 18	253
O ÚLTIMO TRAÇO DE NIEMEYER NA PAMPULHA: DA INVISIBILIDADE À CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PARA O PAINEL DA CASA DO BAILE Ronaldo André Rodrigues da Silva Daniela Tameirão  https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270418	
SOBRE O ORGANIZADOR	276
ÍNDICE REMISSIVO	277

CAPÍTULO 14

MOSAICO: VIDA E ARTE

Data de aceite: 01/04/2022

Sarah Jamilye Pacheco Rocha

Universidade Federal do Delta do Parnaíba/
UFDPAr
Teresina/Piauí
<https://orcid.org/0000-0003-2438-9703>

RESUMO: O documentário Mosaico: vida e arte foi filmado no Centro de Artesanato Raimundo Nonato de Sousa na cidade de Timon, Estado do Maranhão, Nordeste do Brasil. Tem como protagonistas artesãs, pilãozeiros e marceneiros. Como produto cultural permite a comunicação do Patrimônio Cultural Imaterial, como a intensão de valorizar os modos de saber-fazer ancestrais e apresentar indagações sobre as condições de trabalho que resistem ao tempo. O filme é resultado do trabalho do Grupo de Audiovisual *Feshow* Filmes, que tem como objetivo oferecer visibilidade aos modos de ser e viver, memórias e histórias, atravessadas por sentimentos de identidade e pertencimento, associados a modos de saber-fazer, lugares, celebrações, formas de expressão, transmitidos de geração em geração. Como manifestação cultural, o cinema documentário permite a pesquisa, documentação, salvaguarda e comunicação das mais variadas formas de ser e existir.

PALAVRAS-CHAVE: Maranhão; Cinema Documentário; *Feshow* Filmes; Patrimônio Cultural Imaterial.

ABSTRACT: The Mosaic documentary: life

and art was filmed at the Centro de Artesanato Raimundo Nonato de Sousa in the city of Timon, State of Maranhão, Northeast Brazil. Its protagonists are artisans, pestle workers and woodworkers. As a cultural product, it allows the communication of the Intangible Cultural Heritage, such as the intention of valuing ancestral ways of knowing and making inquiries about working conditions that resist time. The film is the result of the work of the Audiovisual Group *Feshow* Filmes, which aims to provide visibility to the ways of being and living, memories and stories, crossed by feelings of identity and belonging, associated with ways of knowing-how, places, celebrations, forms of expression, transmitted from generation to generation. As a cultural manifestation, documentary cinema allows research, documentation, safeguarding and communication of the most varied forms of being and existing.

KEYWORDS: Maranhão; Documentary Cinema; *Feshow* Movies; Intangible Cultural Heritage.

1 | INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos resultados de estudos e pesquisas ao realizarmos o documentário Mosaico: vida e arte. Procuramos compreender e discutir o conceito de Patrimônio Cultural Imaterial por meio das narrativas de atores sociais que trabalham no Centro de Artesanato Raimundo Nonato de Sousa na cidade de Timon, à margem esquerda do Rio Parnaíba, divisa natural com o Estado do Piauí, a 426 Km de São Luís, capital do Maranhão, com

uma área de 1.743,246 km² e densidade demográfica de 89,18 hab. / km², com população estimada em 161.721 habitantes (IBGE 2013).

Usamos o audiovisual com o objetivo de apresentar traços da cultura de grupos sociais, no referido filme, uma expressão cultural da cidade de Timon, uma categoria de artesanato que usa uma variedade de matéria-prima para transformar em objetos de uso cotidiano, utilitário e de ornamento, nos quais os artesãos imprimem elementos de sua cultura. No documentário narramos memórias e indagações sobre as condições de trabalho, os modos de saber-fazer transmitidos de geração em geração.

O interesse do grupo pelo Patrimônio Cultural Imaterial surgiu em 2017 quando do encerramento de um curso ministrado pelo cineasta Cícero Filho, no projeto de extensão da Universidade Estadual do Piauí - “UESPI em tela: o cinema como ferramenta socioeducativa”. Durante as aulas foram trabalhadas técnicas do cinema como criação de roteiro, interpretação, tutorial de maquiagem e cabelo, fotografia para cinema, produção, pré-produção e pós-produção. O filme “Onde moram os cavalos-marinheiros” foi resultado do Curso.

Em meados de 2018, nos reunimos, Alex Sandro Leal, Karoline Dourado e Sarah Rocha, para colocar em prática nossos aprendizados naquele Curso, sobretudo, o que havíamos aprendido no primeiro encontro sobre cinema documentário. O primeiro documentário que realizamos foi em fevereiro de 2018 - “Travessia de barcos entre as cidades de Timon - MA a Teresina - PI, história narrada sob o ponto de vista do barqueiro Sebastião Vasconcelos”, um ofício transmitido entre gerações, que remonta a 1928.

Compomos o documentário com uma sequência de depoimentos, atravessados por valores, modos de ser e viver, de apenas observar o mundo, mas passar a intervir, abandonar a situação de espectadores passivos, tendo, a oportunidade de narrar suas memórias e histórias. Esse documentário tem um efeito subjetivo, é um processo ativo de sentidos e significados, representados em textos, sons e imagens.

2 | AS ARTESÃS DA REGIÃO DOS COCAIS

Na contemporaneidade, o trabalhador artesanal continua com modos de saber-fazer tradicionais. O artesanato não é para essas pessoas apenas um meio de sobrevivência, mas uma arte, com habilidades, inventividade, criatividade. O artesanato se diferencia do produto industrial, por seus elementos de cultura e identitária, vez que os artesãos são artistas, produtores e detentores de cultura.

O trabalho artesanal é construído de forma assistemática, associado a técnicas e objetos de domínio público. Os modos de saber-fazer artesanal é em essência manual, com uma base forte de ancestralidade, marca significativa de cultura e identidade de determinados grupos sociais.

Trata de identidade cultural nos remete, em um primeiro momento, à questão mais abrangente da identidade social, um conjunto de vinculações das pessoas a um sistema

social: uma classe de idade, social, a uma nação etc. A identidade permite que uma pessoa se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. Mas a identidade social não diz respeito unicamente aos indivíduos. Grupos são dotados de identidades que correspondem à sua definição social, que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupoos que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista). (CUCHE, 1999, p.176- 177).

A continuidade e a historicidade da identidade são questionadas pela imediatez e pela intensidade das confrontações culturais globais. A identidade, então, costura o sujeito à estrutura; estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura dos mundos que ele/ela habitava. (HALL, 2006, p. 11).

Ao longo da pesquisa para a produção do documentário “Mosaico: vida e arte”, o relato das artesãs mostram que a produção artesanal se ressignifica, se transforma no tempo, construindo uma identidade herdada dos antepassados. O artesanato em Timon tem modos de saber-fazer diversificados, desde as tecelagens com fabricação de redes, tapetes, bolsas etc. Na produção de renda de bilro é usada para varandas de redes e roupas; há ainda a produção de *biscuit* e as bijoias com sementes e fibras encontradas na região dos cocais.

Elda Rocha, artesã, relata que desde o fuxico, o crochê, a pintura em cerâmica, tudo era realizado por sua mãe, que lhe despertou interesse, e a mesma, deu continuidade. Ela diz: “minha formação é de professora, mas me identifico como artesã por ser o que mais gosto”. A artesã é de um grupo que já existe há cerca de 20 anos. No princípio, o grupo existia na Centrais Estaduais de Abastecimento (CEASA), empresas estatais ou que funcionam a partir da junção de capital privado e público que têm o objetivo de melhorar o comércio e distribuição de produtos alimentícios como frutas e legumes e também flores. No local, havia um espaço só para artesanato, onde produziam, vendiam e realizavam oficinas, foi um período próspero.

Fazer rendas é um conhecimento de herança portuguesa que veio com a colonização do Brasil, permanecendo, atualizada nos dias atuais. É também uma atividade realizada em sua maioria por mulheres. A participação da família nos momentos em que chegam as encomendas é fundamental para o cumprimento dos prazos de entrega, a solidariedade entre as artesãs também é percebida nos momentos de grande produção.

Dorilene Lira, conta que sua mãe era bordadeira e sua avó era rendeira, quando era criança o que gostava de fazer era arte com barro, bonecas para brincar, quando

morava nosul do Piauí. Aos 17 anos, passou a residir na cidade de Timon e começou a fazer artesanato. Primeiro bijuterias e chinelos, com a ajuda de seu filho, quando o mesmo ainda era uma criança. Depois de um tempo, passou a relembrar das rendas de bilro de sua avó e passou à atividade da renda, assim como também a de peças com a técnica de tecelagem.

Dorilene relata que: “começamos na Ceasa em Timon em 2003, fundamos uma associação por lá por um tempo, e depois que sai de lá, fiquei participando das feiras na Praça São José em Timon, em Teresina, e outras cidades do estado do Maranhão. Tínhamos o apoio do Banco do Brasil, do Prodart em Teresina, o maior apoio sempre veio de Teresina”.

O talento de Maria Rosa de Oliveira começou desde cedo aos 9 anos, aprendeu renda com sua avó, falecida há 40 anos, sua preferência é por tecelagem, onde a mesma produz redes, e a renda ela utiliza como varanda para as redes ou em peças de roupas. As rendas podem ter diversas formas, como conchas, corações, flores, entre outras. Enquanto trançamos bilros, muitas vezes em grupo, as mulheres, contam causos, cantam, conversam e também transmite saberes, assim como outras práticas tradicionais.

Sabe-se que uma importante característica da produção artesanal de base familiar é o conhecimento integral do ofício. Onde inexistente a mão-de-obra especializada em etapas, o ofício se mantém íntegro. Essa é precisamente uma das mais antigas e importantes características da produção artesanal, em diferenciação à produção manufatureira e industrial. Podemos dizer que é típico da produção artesanal o conhecimento, por parte do artesão, de todas as etapas constitutivas da produção. Não existindo separação entre saber e fazer, entre concepção e execução, o artesão não apenas se reconhece no produto social do seu trabalho como pode ter a ele acesso. (LEITE, 2005, p.36).

Francisca Nascimento (Negona) aprendeu desde criança com sua professora, a arte de fazer croché, depois desenvolveu artesanato com reciclagem. Conta que: “o uso especial da lata de leite, dá-se devido há tempos atrás acreditava-se, que quando colocava comida dentro dessas latas, as pessoas não adquiriam diabetes e pressão alta”.

Esse produto artesanal que chega ao consumidor final em mercados distantes soma uma série de atividades de trabalho e de produção. A produção artesanal cada vez mais se volta para mercados distantes e políticas governamentais enfatizam o caráter de negócio da atividade e a importância de profissionalizar o artesão transformando-o em um empreendedor.

Negona fala que o seu grande interesse é que a cidade de Timon se transforme em um grande polo de artesanato, primando por esse objetivo, as artesãs ministram cursos de croché, vagonite, ponto cruz, reciclagem. Acredita que a economia de uma cidade só tende a crescer quando se investe em artesanato. O que ela espera é que o artesanato de Timon, seja melhor divulgado, que ganhe mais visibilidade, mostrando que são capazes de empreender com poucos recursos e transformar em grandes obras de arte.

Valdelita Sousa trabalha com bordado em fita, bordado em máquina, arranjos florais, patchwork, ponto cruz, realiza uma variedade de artesanatos, ela afirma que está há uns

20 anos trabalhando e lutando com o artesanato na cidade de Timon, já viajou por outros estados divulgando a sua arte e participando de feiras.

Conceição Nunes trabalha com o *biscuit*, anteriormente trabalhou com o bordado, porém hoje em dia só o faz apenas por encomenda, o *biscuit* é sua grande paixão, há 15 anos trabalha com ele. Conta que chegou ao Centro de Artesanato através da sua sogra Dorilene, que é a presidente da Associação das Artesãs, um grupo onde há apenas mulheres, cada uma trabalha em um segmento diferente. É com o *biscuit*, que tira sua fonte de renda, produz todos os tipos de lembrancinhas, desde os de casamento, batizado, aniversário. Se diz muito feliz na sua área, tem orgulho de ser artesã.

Izaura Noleto é uma artesã de biobijuteria, faz uso de multimisturas, trabalha muito com palmácea que se encontra com facilidade no Maranhão, como o babaçu, utiliza a palha do buriti. Procura trabalhar com o que encontra na natureza, como o coquinho, sempre utilizando multimisturas, como o uso da madeira para confeccionar o terço, das sementes de açaí e também das sementes de sabonete de macaco.

O ser humano é essencialmente um ser de cultura, permite às pessoas não somente se adaptarem ao seu meio, mas também adaptar o meio a si, às suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza. (CUCHE, 1999, p.10).

3 | PILÃOZEIROS E MARCENEIROS DE TIMON MARANHÃO

A economia do artesanato passa por diversas mudanças, de uma produção voltada para o consumo próprio ou produção em pequena escala para mercado local, para mercados mais amplos e distantes. O trabalho e a economia do artesanato entram em contato com questões que dizem respeito ao mundo empresarial: qualidade do produto, adequação ao mercado, empreendedorismo.

Com isso, a discussão sobre o valor do artesanato, em referência ao campo da construção das identidades, produção artesanal como forma cultural, com processos simbólicos, além de econômicos e de poder, se estabelecem nas sociabilidades, nos usos e modos de saber-fazer dos artefatos.

As práticas culturais são, mais que ações, atuações. Representam, simulam as ações sociais, mas só às vezes operam como uma ação. Isso acontece não apenas nas atividades culturais expressamente organizadas e reconhecidas como tais; também os comportamentos ordinários, agrupados ou não em instituições, empregam a ação simulada, a atuação simbólica. (CANCLINI, 1997, p.350).

Carlos Antônio é um dos pilãozeiros mais antigos que entrevistamos, aprendeu seu ofício com um senhor chamado Totonho Nobre, a cerca de 55 anos atrás. Seu Totonho não sabia muitas coisas, mas ele se dispôs a ensinar, na sua oficina tinha muitos tornos e ele dava oportunidades para se trabalhar, ele mesmo comprava as peças para incentivar, e

ele mesmovenidia. Carlos fala que: “ele deixou um legado, pois foi desse trabalho que tiro o sustento daminha família”: e continua “a matéria prima que eles trabalham está cada vez mais distante, antes estava aqui perto, no brejinho, agora só encontramos lá por Aldeias Altas, essa madeira vem toda de projeto de reflorestamento. Antes a gente comprava a madeira, tinha sucupira amarela e preta, o pau darco, o jatobá, o Gonçalo Alves (espécie de madeira rajada). Hoje em dia se trabalha mais com sucupira, pois as outras se tornaram mais raras”. Ele recebe encomenda de pilões de vários lugares do Brasil, São Paulo, Pernambuco, Ceará e outros, seus clientes fazem a encomenda e mandam vim buscar.

No modos de fazer a peça, nos informa que “pega a peça bruta e coloca no torno, faz o modelo, cava, se apresenta algum defeito, usa a parafina mais o breu pra dá consistência na hora de emassar a peça, depois a peça é lixada, coloca-se a goma laca e pôr fim a cera de carnaúba, para dar brilho”. Suas produções se materializam em 10 pilões grandes por dia, no dia seguinte é que são realizados os acabamentos. A média de pilão produzido é de 50 por semana, os pequenos conseguem fazer até 70 pilões.

Atualmente, são muitos objetos que podemos definir como artesanato. Produtos do fazer humano com o emprego de equipamentos e máquinas, quando e se ocorre, são subsidiários à vontade de seu criador que, para fazê-lo, utiliza basicamente as mãos. Nesse sentido, diríamos que o objeto artesanal é definido por uma dupla condição: primeiro, o fato de seu processo de produção ser essencialmente manual; segundo, a liberdade do artesão para definir o ritmo da produção, a matéria-prima e a tecnologia que irá empregar, a forma que pretende dar ao objeto, produto de sua criação, de seu saber, de sua cultura. (LIMA, 2005, p.14).

Portanto, um objeto é capaz de conter em si uma série de valores, crenças, costumes, que fazem a diferença. É importante entender o objeto artesanal dentro das relações de mercado, mas como um produto diferenciado, que nunca se perca a dimensão cultural que está embutida nele, porque quando se lida com a cultura, se agrega valor e assim se consegue fazer com que o objeto seja mais valorizado e mais caro exatamente por essa razão.

Márcio Júnior, marceneiro, em um dos trabalhos que mais executa, a produção de gameleiras, nos informa que uma peça leva em média 4 horas para ficar pronta, para finalizar utiliza o machado e o acabamento da peça fica por conta da lixa.

Zigomar é o madeireiro responsável por fornecer a matéria-prima. Afirma que: parte da madeira é legalizada e apresenta registro, as madeiras fornecidas por ele vêm de projetos de reflorestamento.

Ednaldo é marceneiro que trabalha fabricando imóveis, a madeira mais utilizada por ele é a sucupira, e também utiliza o Piquizeiro, quando a árvore está morta, pois é proibido derrubá-la quando estar verde. A matéria prima utilizada para fabricação de seus imóveis vem com notas fiscais e com o DOF (Documento de Ordem Florestal).

Sandro Silva é o único dentre os homens que trabalha com artesanato. Relata que

iniciou com seu vizinho que já produzia artesanato com gesso, nesse período ele trabalhava na iniciativa privada e apenas nos finais de semana acompanhava seu vizinho, até o dia que resolveu dedicar-se apenas ao artesanato. Inicialmente comprou quatro formas, há 25 anos atrás quando iniciou seus primeiros trabalhos deram errado, ele persistiu e suas peças começaram a dar certo e desde esse tempo para cá ele deu continuidade. Ele produz cofres, enfeites para a parede, aprendeu a fazer as suas formas, hoje em dia ele vende as formas produzidas por ele, antes sua oficina era do outro dos trilhos do trem, nos dias atuais ele teve um ponto cedido pela prefeitura no centro de artesanato, onde se encontra há 3 anos.

4 | AS PROBLEMÁTICAS ENFRENTADAS

O Brasil é um país de proporções continentais que abriga uma grande diversidade de modos de vida, ao que a pluralidade cultural possibilita dar voz às suas diversas formas de expressões, permite entender e continuar a construir a identidade do povo local, nacional e mundial. Compreendendo e respeitando os diferentes modos de vidas existentes como parteda riqueza cultural diversificada do país.

Cada classe social, cada grupo econômico, cada meio, cada preocupação está a selecionar elementos culturais de seu interesse para que sejam guardados como testemunhos de sua preocupação.

A coletividade não é uma simples soma de indivíduos, assim como o todo não é uma mera função das partes. Inúmeras as coletividades que convivem em constante interação e mudanças. Os interesses sociais de governantes e governados, nem sempre são convergentes, é o que nos relata os narradores desse documentário.

A artesã Elda Rocha, nos conta que “no tempo da CEASA havia um grande incentivo, o artesanato tinha visibilidade na cidade, anos atrás foi diminuindo com a troca de novos gestores na Prefeitura. Pois os mesmos não apresentaram interesse na parte cultural.”

Passando alguns anos o grupo ficou dispersado, a associação foi desvinculada da ceasa, depois de um período as artesãs se reencontraram em uma nova gestão da prefeitura, foi quando migraram para o centro de artesanato, e retornaram ao projeto que haviam iniciadona Ceasa.

Receberam incentivo na parte da estrutura física do prédio, porém Elda afirma que: ficamos filhos órfãos, tivemos a mãe, mais não o acompanhamento dela, tivemos que nos criar sozinhas, e assim estamos até hoje. Desde a reforma do prédio, só tiveram 2 eventos produzido pela secretaria de cultura, ela relata que o que o que o grupo busca é incentivo financeiro e que houvesse mais propaganda do lugar, para atrair clientes.

Ver a particularidade do produto artesanal com seu valor sociocultural e econômico. Ver a particularidade do fazer artesanal que utiliza as mãos e o cérebro para manusear a matéria e imprimir forma ao produto. E ver a particularidade das condições de vida e de

trabalho dos artesãos e artesãs.

Esta ampliação do mercado é um dos principais fatores que provocaram a transformação da estrutura produtiva, e do lugar social e do significado do artesanato. Na produção ela encerrou a época onde a maioria dos objetos era feita para a auto-subsistência, e modificou o processo de trabalho, os materiais, o desenho e o volume das peças para adequá-las para o consumo externo. Retirou os objetos de um sistema social onde a produção e a troca eram regulados pela organização comunal, ainda que ritual, e recolocou-os num regime de concorrência intercultural que os artesãos entendem apenas parcialmente, e ao qual servem de fora. Nas relações de produção, estas mudanças provocam uma concentração e um assalariamento progressivo. (CANCLINI, 1983, p.99).

“Sempre quisemos o apoio e divulgação do nosso trabalho, atualmente os governantes não nos procuram, e nós precisamos de incentivo, de apoio, tanto financeiro, como estrutural. Aqui se nós mesmos não fizermos, ninguém mais faz, temos o prédio cedido pela prefeitura e o demais ficou por nossa conta.” Afirma Antônio Carlos.

“Eu queria que o centro fosse um espaço melhor, é preciso que os governantes venham aqui e melhore a nossa situação, aqui não temos ajuda, aqui é só nós, os pontos, a maioria ficam fechados, nosso artesanato não vai para frente assim, porque precisamos de ajuda.” Reafirma Sandro.

O maior contato dos trabalhadores artesãos e da economia do artesanato com a economia de mercado tem provocado diversos impactos. Atividade marcada pela informalidade e precariedade das condições de vida e de trabalho. Sua origem e do seu destino, por ser simultaneamente um fenômeno econômico e estético, sendo não capitalista devido à sua confecção manual e seus desenhos, mas se inserindo no capitalismo como mercadoria:

O capitalismo rompe com a vivência imediata dá unidade entre o material e o ideal principalmente porque ele torna mais complexo e diversificado o processo de produção, separando as diferentes práticas humanas — a cultural, a política, a econômica — e especializando as etapas de um mesmo trabalho. A separação entre os aspectos materiais ideais da produção aparece, no próprio momento do trabalho, como uma consequência extrema da usurpação que o capitalismo lhe inflige. A perda da propriedade econômica do objeto caminha junto com a perda da sua propriedade simbólica. A distância que a organização capitalista do trabalho e do mercado cria entre ele e os produtos do artesanato é complementada pela quebra entre o econômico e o simbólico, entre o sentido material (mercantil) e o sentido cultural (étnico). (CANCLINI, 1983, p. 81 e 82).

“Tivemos apoio no governo anterior, o apoio que nos davam nesse período era um carro para nos transportar, para as feiras que o pessoal da secretaria de cultura nos inseria. Hoje estamos desenvolvendo o artesanato de forma lenta, nosso espaço precisa de reforma, é preciso que a prefeitura lembre que precisamos de um espaço melhor para trabalharmos, pois é daqui que tiramos o nosso pão de cada dia.” Relata Dorilene.

O apoio que as artesãs têm recebido vem da cidade vizinha Teresina-Piauí, onde o espaço da secretaria de educação foi cedido para vender os produtos das artesãs de Timon, ainda na referida cidade ela tem o apoio do Ministério do Trabalho, onde o Ministério fornece subsídios para que as mesmas possam oferecer oficinas de artesanato para outras mulheres.

Dorilene diz:

[...] nós lutamos muito para ter um espaço, fundamos outra associação, Beleza das Artes da Região dos Cocais e junto com os pilãozeiros conquistamos esse espaço. Hoje o Centro de Artesanato encontra-se nessa situação de abandono, o trabalho aqui é devagar, mas a gente vem, porque o artesão não desanima. Quando nos veem aqui em Teresina eles pensam que nós estamos se desfazendo de Timon, mas só estamos em Teresina, porque nos deram a oportunidade que Timon não deu, porque se tivéssemos oportunidade em nossa terra, não teria porque saímos de trouxa na cabeça, passando por humilhações, porque o povo acha que os artesãos de Timon não tem governantes, isso nos envergonha, porque temos governantes, mas não nos dão oportunidades. Gostaríamos que aqui fosse bem mais movimentado, que todos fazem parte das políticas públicas nos ajudasse.

Com este depoimento, fica a reflexão sobre o valor de uso dos produtos artesanais, as artesãs e artesãos se remetem a um tempo passado.

O processo de trabalho tem como fim a produção de um valor de uso, ou seja, um produto criado para satisfazer necessidades humanas. No atual contexto, marcado por fragmentações, descontinuidades e efemeridades, certamente a constituição das identidades torna-se um processo bem mais complexo do que nas sociedades modernas, favorecendo a fragmentação dos sujeitos.

Argumentamos, entretanto, questão exatamente essas coisas que agora estão “mudando”. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 12) A artesã Dorilene relata que:

[...] o timonense tem que aprender a comprar nossos produtos, porque eles compram em Teresina. Quando fazemos feira aqui, o pessoal não compra, aqui só vem incentivo quando fazemos uma reunião, que o povo acha que é pra falar de política, fulano é 15, fulano é 30, fulano é 40, fulano é 50, nós não somos 30,40, nem 50, nem nada, somos trabalhadores. Nossa política é de Trabalho, precisamos de ajuda, de incentivo para trabalharmos, ganhar o nosso dinheiro, queremos ficar em nosso espaço e não andando que nem ciganos. Aqui quando se pensa que a responsável por este espaço é a Secretaria de Cultura, não é ela, então vamos atrás da Secretaria de Turismo,

não é ela, chegamos a Secretaria de Educação, e não é ela, não é nada, não é ninguém. Eu espero que eles entendam, que queremos trabalhar e não queremos saber quem ganhou e quem perdeu as eleições.

Não haverá políticas culturais realmente populares enquanto os produtores não tiverem um papel de protagonista, e este papel não se realizará senão como consequência de uma democratização radical da sociedade civil:

A decisão fundamental é permitir uma participação democrática e crítica aos próprios artesãos, criar condições para que estes a exerçam. Uma política cultural que pretenda servir às classes populares deve partir de uma resposta insuspeita a esta pergunta: o que é que se deve defender: o artesanato ou os artesãos? Permitir uma participação democrática e criar condições para que esta possa ser exercida: destaquemos a importância de se combinar ambos os aspectos. (CANCLINI, 1983, p.141).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o patrimônio cultural é preservado legalmente e na prática, a memória e a identidade de uma sociedade são conservadas. Podemos escolher apenas seguir o fluxo da história ou nos sentir pertencentes a um contexto e ter participação ativa nele. O sentimento de pertencimento desenvolve a ideia de não apenas estar na história, mas de ter o poder de transformá-la. Apesar de estarmos em mudança, podemos guardar o que já fomos.

Então não se pode perceber o artesanato somente como um produto a ser consumido. Mas deve ser ponderado no contexto em que se insere, pois envolve diferentes valores como afetivos, de familiaridade, de usos e outros, que vão além do simples produto objetivado. É necessário pensar não apenas no produto que é realizado, mas no seu produtor e tudo que envolve essa produção, que é muito mais subjetivo do que uma produção mecanizada.

Dessa maneira, o documentário Mosaico: vida e arte, quis mostrar a potencialidade da atividade artesanal na cidade de Timon-Maranhão, possibilitando aos mesmos a visibilidade e suas indagações do modo de trabalho a partir do audiovisual. As condições dadas pela atividade artesanal ficam aquém do que podem proporcionar e, às vezes, impedem o artesão de, até mesmo, sobreviver pelo exercício de seu ofício. Sob as especulações do mercado e a falta das iniciativas públicas, a possibilidade de realizar-se pelo fazer artesanal fica comprometida em meio à falta de contato.

É necessário que os artesãos participem, critiquem e se organizem, que redefinam a sua produção e o seu modo de relacionar-se com o mercado e com os consumidores; mas também que forme um novo público, um outro modo de exercer o gosto e de pensar a cultura. Necessita-se de uma modificação sistemática de todos os meios de produção, circulação e consumo cultural. Reorganizar as instituições de promoção e de difusão

artística e artesanal, construir outra história da arte e outra teoria da cultura, outras escolas e outros veículos de comunicação, a fim de que os processos culturais que se encontram fechados nas vitrinas da Arte sejam recolocados na vegetação de fatos e mensagens no meio dos quais aprenderemos a pensar e a sentir. (CANCLINI,1983, p.144).

A obra artesanal, em seu caráter de reprodução e transgressão, explicita a relação entre o homem e o meio mediante a representação simbólica da cultura e se constitui como registro de transmissão cultural, seja daquilo que a cultura traz de aprisionamento ou do que desponta de resistência ao que faz sofrer.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

... **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. AnaRegina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.

COUTINHO, M. C. **Sentidos do trabalho contemporâneo**: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 12, n. 2, p. 189- 202, 2009.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória**: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte:Autêntica,2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**.11. ed. -Rio de Janeiro:DP&A,2006.

HALL, S. (2004). **Quem precisa da identidade?** In T. T. Da Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais* (pp. 103-133). Petrópolis: Vozes.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3. ed. Campinas: Editora daUnicamp, 1994.

LEITE, Rogério Proença. **Modos de Vida e Produção Artesanal**: entre preservar e consumir.In: Olhares Itinerantes reflexões sobre o artesanato e consumo da tradição. São Paulo: Cadernos Artesol 1, Central Artesol, 2003.

LIMA, Ricardo. Artesanato de tradição: cinco pontos em discussão. In: **Olhares Itinerantes reflexões sobre o artesanato e consumo da tradição**. São Paulo: Cadernos Artesol 1, Central Artesol, 2003.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. OLIVEIRA, Pérsio Santos. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática, 2004.

SANTOS, Denilson Moreira, Noronha, Raquel Gomes, Caracas, Luciana Bugarin, Cestari, Glauba Alves do Vale. **Artesanato no Maranhão**: práticas e sentidos. São Luís: EDUFMA, 2016.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **Timon, uma flor de cajazeira: do povoamento à vila**. 1. ed. Timon: 2007. http://timon.ma.gov.br/site/?page_id=246 > acesso 18/07/2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arquitetura 1, 41, 42, 44, 45, 46, 66, 67, 68, 99, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 136, 141, 149, 150, 151, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 177, 211, 214, 237, 252, 253, 254, 257, 258, 261, 263, 264, 268, 269, 270, 271, 272, 274, 275

Arquitetura bioclimática 109, 112, 114, 115, 117, 120, 121, 130, 131, 133

Arquitetura escolar 108, 109, 110, 115, 117, 118

Arquitetura popular 120, 121, 131, 132, 133

Arte 20, 41, 44, 45, 46, 49, 54, 93, 94, 96, 97, 167, 200, 201, 202, 203, 204, 209, 210, 226, 234, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 255, 257, 258, 263, 266, 269, 270, 272

Arte rupestre 240, 241, 242, 243, 244, 247, 249, 250, 251

C

Cartografia 15, 67, 68, 69

Centro de interpretação 242, 247

Cidade 16, 17, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 55, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 90, 92, 93, 95, 100, 112, 114, 115, 119, 136, 148, 151, 159, 200, 201, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 233, 235, 237, 258, 269, 272

Cinema 200, 201, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 221

Cinema documentário 200, 201

Conforto 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 124, 149, 155, 168

Construção 42, 43, 46, 63, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 82, 88, 89, 92, 93, 98, 99, 110, 111, 112, 119, 120, 121, 122, 126, 129, 133, 141, 168, 169, 172, 177, 180, 182, 189, 190, 199, 204, 211, 212, 215, 217, 218, 219, 229, 233, 237, 238, 252, 254, 255, 256, 264, 265, 266, 267, 271, 274

D

Design participativo 79

Desmilitarización 18

Documento 69, 78, 181, 205, 211, 212, 213, 221, 260

E

Espaço público 52, 65, 66, 80, 84, 90, 91, 92, 263, 273

F

Favela 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239

Forma urbana 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 13

G

Gestão 51, 53, 66, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 181, 187, 189, 190, 198, 206, 257, 260, 261, 274

H

Heliponto 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199

I

Iconografia 67, 68, 69

Iluminação natural 134, 135, 136, 138, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Inspeção predial 179, 180, 181, 187, 196, 198, 199

M

Museus 222, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 255, 260, 264, 269, 272

Museus comunitários 222, 223

O

Oscar Niemeyer 252, 253, 254, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 273, 274

P

Paisagismo 95, 96, 97, 99, 170

Pampulha 252, 253, 254, 257, 258, 263, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274

Parques urbanos 51, 52, 66

Patrimônio 45, 48, 49, 64, 91, 95, 96, 97, 99, 105, 106, 107, 196, 200, 201, 209, 210, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 235, 237, 252, 254, 257, 258, 261, 262, 268, 272, 273

Patrimônio cultural 48, 49, 96, 200, 201, 209, 210, 257, 258, 268, 273

Planejamento 41, 42, 51, 53, 81, 85, 98, 108, 189, 196, 268, 275

Plataforma de distribuição de carga (PDC) 179

Porosidade 151, 154, 155, 156, 159, 160, 162, 163, 164, 165

Processo criativo 166, 170, 173

R

Restauração 73, 252, 257, 263, 265, 268, 270, 271

Roberto Burle Marx 95, 96, 101, 105, 106, 107

S

Seguridad 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 31, 32, 33, 36, 244

Simulação computacional 116, 117, 118, 151, 154, 159, 165

Software 100, 101, 102, 107, 114, 115, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 152, 153, 154, 159, 163, 166, 168, 170

T

Tecido urbano 42, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 78

Tempo 1, 46, 49, 52, 81, 83, 92, 98, 99, 101, 121, 125, 130, 137, 138, 139, 144, 151, 153, 154, 155, 158, 166, 167, 168, 169, 174, 180, 181, 185, 186, 193, 197, 200, 202, 203, 206, 208, 211, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 227, 230, 256, 258, 264, 273

Turismo 42, 47, 50, 59, 64, 65, 66, 208, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 241

U

Urbanismo 1, 7, 17, 18, 28, 38, 39, 40, 42, 43, 45, 66, 77, 79, 80, 83, 85, 89, 90, 91, 92, 118, 119, 149, 151, 165, 166, 177, 211, 214, 222, 237, 252, 253, 257, 258, 263, 268, 269, 272, 275

Urbanismo tático 79, 80, 83, 85, 89, 90, 91, 92





V

Ventilação natural 114, 129, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 162, 164, 165

Vigilancia natural 18, 19, 21, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 35, 39

ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br